



FOUCAULT E A FILOSOFIA DO CONCEITO

Foucault and the philosophy of concept

Caio Souto
IFAM

Resumo: Este artigo aborda as relações entre Foucault e a assim chamada filosofia do conceito, partindo da famosa clivagem estabelecida pelo próprio Foucault entre duas tradições do pensamento filosófico contemporâneo francês: filosofia do conceito *versus* filosofia do sujeito. Tal clivagem possui uma história, tendo sido proposta inicialmente por Jean Cavailles em sua obra póstuma finalizada em 1942; adotada, em seguida, por Georges Canguilhem em sua resenha a *Les mots et les choses* (1966 para o livro de Foucault, 1967 para a resenha de Canguilhem); até ser, enfim, problematizada por Foucault em dois textos dedicados a Canguilhem, de 1978 e de 1984 respectivamente. Propomos que o modo de organizar os debates envolvendo a filosofia francesa contemporânea segundo essa clivagem atende a critérios não somente epistemológicos, mas sobretudo a implicações ético-políticas, em atenção à relação entre saber e poder tal como compreendida por Foucault. Isso é possível demonstrar por contraste a outras formas de organizar a mesma filosofia francesa contemporânea, como aquela proposta por Frédéric Worms com seu conceito de *momentos*, bem como pela apropriação que Alain Badiou lhe faz.

Palavras-chave: Foucault; Cavailles; Canguilhem; epistemologia histórica; filosofia francesa contemporânea.

Abstract: This paper discusses the relationship between Foucault and the philosophy of concept, starting from the famous cleavage established by Foucault himself between two traditions of contemporary French philosophical thought: philosophy of concept *versus* philosophy of subject. Such a cleavage has a history, having been first proposed by Jean Cavailles in his posthumous work completed in 1942; adopted by Georges Canguilhem in his review of *Les mots et les choses* (1966 for Foucault's book, 1967 for Canguilhem's review); and finally problematized by Foucault in two texts dedicated to Canguilhem, in 1978 and 1984 respectively. We propose that the way of organizing the debates involving contemporary French philosophy according to this cleavage obeys not only epistemological criteria, but ethical-political implications, in view of the relationship between knowledge and power as understood by Foucault. This can also be demonstrated by contrast to other ways of organizing the same contemporary French philosophy, as that way proposed by Frederic Worms with his concept of *moments*, as well as by the appropriation that Alain Badiou makes to it.

Keywords: Foucault; Cavailles; Canguilhem; historical epistemology; French contemporary philosophy.

Introdução: três tempos sobre a filosofia do conceito (Cavaillès, Canguilhem, Foucault)

Pouco antes de morrer, em 1984¹, Foucault encaminhou para publicação uma adaptação pouco modificada do prefácio para a tradução inglesa da tese de Georges Canguilhem *Le normal et le pathologique* (1943) que ele havia redigido originalmente em 1978². Por se tratar de um prefácio, a versão inglesa daquele texto talvez fosse animada pelo empenho em apresentar ao leitor estrangeiro as características da obra prefaciada

¹ FOUCAULT, Michel [1985] "La vie: l'expérience et la science". IN: _____. *Dits et écrits II*, p. 1582-1595.

² FOUCAULT, Michel [1978] "Introduction in *On the Normal and Pathological*". IN: _____. *Dits et écrits II*, p. 429-442. Sabe-se que por motivos de saúde Foucault não pôde escrever outro texto original para essa edição comemorativa, como desejava.

(até então, nenhuma obra de Canguilhem havia sido traduzida para o inglês, sendo praticamente desconhecida do grande público fora da França), relacionando-a com determinada herança do pensamento francês que se buscava estabelecer, como a desfazer preconceitos a respeito de uma *French theory* recebida com muita resistência no mundo anglófono. Já a versão francesa, desta vez publicada na *Revue de métaphysique et de morale*, uma das principais e mais antigas revistas especializadas em filosofia da França, cujos leitores certamente já conheciam bem tanto a obra de Canguilhem quanto a de Foucault, adquire o inegável valor de testemunho filosófico.

Em ambas as versões do texto, Foucault traçava uma clivagem que recuperava aquela enunciada por Jean Cavailles em sua obra póstuma *Sur la logique et la théorie de la science*, redigida enquanto era feito prisioneiro em Arras no ano de 1942, com a qual concluía: “Não é uma filosofia da consciência, mas uma filosofia do conceito que pode dar uma doutrina da ciência”.³ Canguilhem – um dos responsáveis pela preparação e publicação póstuma desse texto, juntamente com o matemático Charles Ehresmann – retomaria, por sua conta, essa mesma divisão em muitos momentos. Num deles, em 1967, por ocasião da inauguração do anfiteatro na Faculdade de Letras de Estrasburgo⁴ que levaria o nome de Jean Cavailles, ao comentar o legado daquele a quem homenageava, o trecho final da passagem que acabamos de citar é retomado:

Esse texto [*Sur la logique et la théorie de la science*] termina com algumas páginas que pareceram a muitos, e primeiro a mim mesmo, por muito tempo enigmáticas. Podemos compreender hoje que o enigma valia por anúncio. Cavailles atribuiu, vinte anos antes, a tarefa que a filosofia está começando a se reconhecer hoje: substituir o primado da consciência vivida ou refletida pelo primado do conceito, do sistema ou da estrutura. E acontece que esse filósofo que não acredita na história, no sentido existencial, refuta de saída, pela ação que ele desenvolve sentindo-se levado, por sua participação corporal na história e por sua morte histórica, o argumento existencialista dos que procuram hoje desacreditar o que eles chamavam de estruturalismo, condenando-o a gerar, entre outros malfeitos, a passividade diante do fato consumado.⁵

Neste trecho, Canguilhem invocava o “estruturalismo” então em voga, acusado por Sartre⁶ de “imobilismo histórico”, repetindo quase com as mesmas palavras sua resenha ao então recém-publicado *Les mots et les choses* (1966)⁷, descrevendo como enxergava, no livro de Foucault, a realização do programa imaginado por Cavailles e que este último não pôde realizar ele mesmo por conta da interrupção brutal de seu pensamento.

Tendo sido prenunciada por Cavailles em 1942, e retomada por Canguilhem duas décadas depois em seu comentário ao livro de Foucault, essa clivagem aparecerá, enfim, no texto derradeiro do próprio Foucault. Contudo, seu sentido será um pouco deslocado, pois o que aparecia em Cavailles como um programa para uma “filosofia das ciências” vindoura, agora será o fruto de uma história efetiva, inscrita na materialidade do pensamento francês contemporâneo. Foucault dirá que haveria mesmo uma filiação a cada um dos dois polos dessa oposição, e que ela teve sua inscrição histórica lançada pela questão kantiana a propósito da *Aufklärung*. Assim, na segunda versão do artigo sobre Canguilhem (aquele de 1984-1985), Foucault efetuará alguns acréscimos àquela de 1978,

³ CAVAILLÈS, Jean [1942] *Sur la logique et la théorie de la science*, p. 90, grifamos.

⁴ Estrasburgo, capital da Alsácia, após a Ocupação em 1940, foi anexada pelos nazistas à Alemanha e sua Faculdade de Letras foi transferida para Clermont-Ferrand (onde Canguilhem lecionava, a convite de Cavailles, no momento em que redigia o *Essai sur quelques problèmes concernant le normal et le pathologique*, sua tese em medicina defendida em 1943), tendo sido realocada para sua cidade de origem após a Liberação, quando a França reassumiu o controle político da região.

⁵ CANGUILHEM, Georges. “Inauguration de l’amphithéâtre Jean Cavailles”. IN: OC-V, p. 765.

⁶ Em suma, Sartre qualificava Foucault como um geólogo, e não arqueólogo, com a pretensão de acusá-lo de positivista, alegando que sua análise implicaria um distanciamento objetivo ante as “camadas” e “estratos” que poderiam, assim, ser objeto de uma descrição naturalista: SARTRE, Jean-Paul. [1966] “Jean-Paul Sartre répond”.

⁷ CANGUILHEM, Georges. “Michel Foucault: mort de l’homme ou épuisement du *Cogito?*”. IN: OC-V, p. 211-212.

transformando o que eram duas “redes” (*networks*) em duas “filiações” (*filiations*), e buscando um *solo comum* – ou um *a priori* histórico – a essas duas *filiações* cuja rivalidade será agora identificada a uma certa herança no pensamento francês contemporâneo de uma problemática cujas raízes seriam mais longínquas na história da filosofia, com implicações não apenas epistemológicas como também ético-políticas. Do lado do que Foucault designará como “uma filosofia da experiência, do sentido e do sujeito”, estarão Sartre e Merleau-Ponty; e, do lado da “filosofia do saber, da racionalidade e do conceito”, estarão Bachelard, Cavailles e Koyré e Canguilhem. E retroagirá a um ou dois séculos antes para rastrear os índices das condições de *emergência* dessa disputa que têm efeitos no presente. Assim, Foucault incluirá, do lado dos filósofos do sujeito, também sucessivamente, os de Biran, Lachelier e Bergson; e acrescentará, do lado dos filósofos do conceito, numa ordem sucessiva, os nomes de Comte, Couturat e Poincaré⁸.

O conceito de *momentos* em Frédéric Worms

Com efeito, há tantas formas de delimitar um campo de disputas intelectuais quanto são múltiplas essas próprias disputas. A clivagem que Cavailles, Canguilhem e Foucault tornaram famosa entre filosofia do conceito e filosofia do sujeito, rivaliza com outros modos não menos instigantes de organizar os debates ocorridos na França e fora dela a respeito das posições filosóficas e epistemológicas, bem como das orientações ético-políticas nelas implicadas. Cabe apresentar alguns deles para, em seguida, voltarmos a analisar as implicações da clivagem foucaultiana. Frédéric Worms, por exemplo, emprega o termo *momentos*⁹ para designar a experiência do pensamento filosófico francês contemporâneo de um modo original e polêmico. Para ele, os problemas principais com que a filosofia francesa se ocupou, durante todo o século XX, obedeceriam a uma lógica de composição e de superação. Nas primeiras décadas, em torno de nomes como Bergson e Brunschvicq, a filosofia teria girado em torno da noção de “espírito”; no entre-guerras e no pós-guerra, com Sartre, Merleau-Ponty e Camus, seria a vez da “existência”; sendo substituída em seguida pela noção de “estrutura”, com Lévi-Strauss, Barthes, Foucault. Cada um desses momentos corresponderia a uma lógica própria de formulação, comportando também certa multiplicidade no modo com que cada autor envolvido na respectiva problemática a abordava, havendo também aqueles que não se cingiriam efetivamente a ela, embora ainda assim sua obra devesse se confrontar com as tensões inerentes ao *momento* vivido (como seria o caso de Deleuze, Derrida ou mesmo Sartre com relação ao estruturalismo).

Segundo essa outra chave-de-leitura, que tem o mérito de recusar uma linearidade cronológica progressiva, já que a passagem entre um momento e outro conheceria

⁸ FOUCAULT, Michel [1985] “La vie: l’expérience et la science”. IN: _____. *Dits et écrits II*, p. 1583. É de se notar que, décadas antes de Cavailles, Canguilhem e Foucault, o filósofo dinamarquês Harald Høffding, com o olhar próprio de um estrangeiro, traçasse uma divisão muito parecida com essa, fazendo reportar, no entanto, ao mais longínquo século de Montaigne. Høffding interpretava a oposição entre essas duas tendências como duas formas distintas de compreensão da *vida*, sendo a primeira naturalista e a segunda racionalista, o que não está tão longe da divisão de Foucault, ainda que as implicações que cada autor lhe dê sejam norteadas por preocupações distintas. Høffding faz uma ilação entre o pensamento de Bergson e a corrente “naturalista”, à qual ele estaria vinculado na França, com o que seria seu correspondente alemão, encontrado em Jacobi, Herder, Hamann e, por fim, em Nietzsche (cf. HØFFDING, Harald [1913] *La philosophie de Bergson*, p. 21-24). É claro que, assim como a clivagem foucaultiana que apresentamos, essa outra também pode ser objeto de críticas por diversos motivos. Mas ela nos interessa porque opõe certo racionalismo a certo naturalismo, e é nesse sentido que se propõe um conhecimento da vida que não seja meramente intuitivo, mostrando como Comte teria apresentado outra possibilidade de conhecimento da vida que se opõe à de Bergson, isto é, uma via “racionalista”. Bergson respondeu elegantemente à crítica de Høffding numa carta célebre, na qual diz que dois homens de gênio não podem concordar sobre algo que toca ao essencial de um pensamento. Embora tenha hoje caído no quase absoluto esquecimento, cabe lembrar que Høffding foi um filósofo influente em sua época, tendo sido, por exemplo, lido e comentado por Bachelard, notadamente no *Essai sur la connaissance approchée*, além de ter um de seus livros traduzidos para o francês por Koyré. Os arquivos de Canguilhem, conservados no CAPHÉS, possuem muitas anotações e comentários à sua obra, que aborda diversos temas que lhe são caros, como a epistemologia, a moral e a psicologia.

⁹ WORMS, Frédéric [2009] *Moments: la philosophie en France au XX^e siècle*.

rupturas e retomadas imprevisíveis, é como se nesse movimento se pudesse observar uma atividade mais fundamental da *vida*, cujo destino dependeria das resoluções aos problemas diferentes que cada época coloca, com suas tensões e seus obstáculos. Como Worms dirá, noutra ocasião:

O *problema* a partir do qual acedemos a cada vez à questão da vida, a *tensão* íntima que ele permite descobrir na própria vida, o *obstáculo* que esta encontrará, a seu turno: tais são, no fundo, os três aspectos que encontraremos em cada um dos três momentos que seguem¹⁰.

E, assim, Worms prosseguirá identificando cada um dos três momentos *vividos* pela filosofia francesa durante o século XX como numa certa relação entre problema-tensão-obstáculo. Desse modo, o momento espiritualista seria o de uma oposição entre um dualismo exterior (entre pensamento e vida) e uma dualidade inerente à própria vida, tensão cuja tentativa de resolução corresponderia a toda a obra de Bergson, culminando num obstáculo que só seria melhor colocado por Canguilhem, mas que já corresponde ao momento seguinte, o momento existencialista. Este seria marcado pela passagem de uma oposição externa a uma polaridade interna, bem formulada em *Le normal et le pathologique* (1943), tese em que Canguilhem encontraria na irredutibilidade do vivente os temas da existência (angústia, finitude), ressignificados segundo uma avaliação da medicina como técnica entremeada a diversos saberes científicos sobre a vida; o que não o distanciaria tanto de Sartre e de Merleau-Ponty, que no mesmo período também tentavam renovar o problema da existência, ainda que a partir da fenomenologia. Durante a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, a dupla posição de Cavailles e de Sartre, compreendida por Canguilhem e por Foucault como expressão de duas formas de vida às quais estariam implicadas duas formas de pensamento, poderia ser interpretada, segundo essa outra chave-de-leitura, como duas expressões de um mesmo e único momento filosófico¹¹.

Por fim, tentando demonstrar que o *momento* prevaleceria sobre cada obra particularmente considerada, Worms argumenta que, quando o problema norteador não for mais o da existência, mas sim o da estrutura, todos os autores participarão dessa tensão, ainda que para questionar a validade filosófica do novo problema. Assim, o *problema* que Foucault colocava permitia, ao mesmo tempo, fechar o momento anterior, encerrando a questão da existência e da liberdade humana sobre si mesma (já que o sujeito aparecia como implicado em determinadas *epistemes*, ao que já podemos acrescentar, por nossa conta, que não significava a completa abolição da liberdade como problema, mas sim o deslocamento dessa questão), e abrindo o novo momento a partir da descoberta de novos territórios de análise, sobretudo o da linguagem: “o nascimento do homem foi o nascimento da linguagem”.¹² Worms acrescenta que não foi apenas por ter tensionado o problema da existência – o que suscitou a controvérsia com Sartre – que Foucault se tornou uma figura central na transição entre esses dois *momentos*, mas principalmente por ter gerado um novo debate em torno de um novo problema, suscitando controvérsias entre autores – como também com Deleuze e Derrida – que discordavam em certo sentido de suas posições, embora mantivessem os adversários comuns que Foucault denunciava em sua obra.

Alain Badiou e o *momento francês* da filosofia: um momento na história universal

Mais ambiciosa é a estratégia de Alain Badiou, que admite ter emprestado a Worms o termo *momentos*, mas para dar-lhe um sentido modificado. Num texto em que

¹⁰ WORMS, Frédéric [2011] “La vie dans la philosophie du XX^e siècle en France”, p. 76.

¹¹ Cf. WORMS, Frédéric [2011] “Sartre et Cavailles: nécessité et existence dans le moment philosophique de la Seconde guerre mondiale”.

¹² WORMS, Frédéric. [2016] “Unexpected and vital controversies: Foucault’s *Les mots et les choses* in its philosophical moment and in ours”, p. 82-83.

apresenta sua própria versão sobre o pensamento francês no século XX, de que é ele agora quem vai reivindicar a herança, como filósofo mais novo de uma geração que lhe parecia estar chegando ao fim, Badiou realiza uma rememoração do que teria sido a filosofia francesa contemporânea, reconstruindo, a seu modo, sua genealogia e identificando o que chamou de suas “operações intelectuais”, além de abordar os seus diálogos com outras formas de conhecimento. Mas se Worms descrevia três ou quatro momentos que corresponderiam a certos problemas em torno dos quais a filosofia francesa contemporânea teria girado, Badiou dirá – segundo uma “vocação universal da filosofia, da qual sou um defensor sistemático”, como ele diz – que toda essa *aventura* do pensamento francês durante o século XX foi um dos momentos do pensamento filosófico universal: “[D]igamos, pois, que vou batizar provisoriamente de ‘filosofia francesa contemporânea’ o momento filosófico na França que, situado essencialmente na segunda metade do século XX, deixa-se comparar, por sua amplitude e por sua novidade, tanto ao momento grego clássico quanto ao momento do idealismo alemão”¹³.

Em todo caso, o que é interessante nessa divisão da filosofia francesa contemporânea em *momentos* é que ela cumpre com uma função de destacar como o problema da vida foi reatualizado agora num novo momento que, por sua vez, já não é mais o da estrutura. Ora, diferentemente do empréstimo feito ao conceito de *momentos* por Alain Badiou, Worms atentava, com muita lucidez, para que houve certo “retorno à vida” na filosofia francesa contemporânea, mas que esse retorno não pôde significar um retorno naturalista à vida, ou a uma ontologia ingênua que restituiria os direitos do animismo vitalista. Ao contrário, defendia que se compreendesse o momento atual da filosofia francesa segundo o problema da construção de um “vitalismo crítico”¹⁴. Por outro lado, sua divisão restringe-se unicamente ao campo filosófico francês, não buscando, senão indiretamente, suas relações para com outros saberes, outros territórios e outras temporalidades.

Conclusão: novamente Foucault

A divisão foucaultiana, por sua vez, tem por estratégia, não apenas dar um sentido à filosofia francesa que lhe era então contemporânea, como apresentar uma concepção sobre as relações entre racionalidade e história a partir de um diagnóstico do presente, apresentando uma das linhas genealógicas do pensamento francês como aquela que teria levado essa questão adiante. Se os *momentos* de Worms nos ajudam a pensar nos desdobramentos de problemas específicos, e mesmo no próprio exercício intrínseco da atividade do pensamento, parece haver, para além deles, a *resistência* de um *estilo de pensamento*. Worms mesmo parece admiti-lo quando nota, por exemplo, como o vitalismo canguilhemiano resistiu à guinada estruturalista, no momento em que incorporou os novos elementos emprestados à genética em sua “filosofia biológica” (que não se pretendia uma biologia de filósofo, mas uma filosofia desenvolvida em atenção aos desenvolvimentos da biologia) tornando-a ainda mais rigorosa e consistente. Além disso, essa filosofia dos *momentos* parece repousar – para além do *momento* atual em que se quer colocar – numa compreensão a respeito da vida como filosofia primeira¹⁵ que se coloca para além da história. Foucault, por sua vez, descrevendo as condições de possibilidade do surgimento da modernidade, em seu sentido filosófico, quis inserir a si mesmo – contra muitos que o acusavam de ser um anti-moderno ou um pós-moderno – no *coração da modernidade*¹⁶. E embora se possa problematizar de que modo Canguilhem se posiciona com relação à abordagem foucaultiana da herança kantiana, o problema de

¹³ BADIOU, Alain [2012] *A aventura da filosofia francesa no século XX*, p. 8.

¹⁴ WORMS, Frédéric [2011] “La vie dans la philosophie du XX^e siècle en France”, p. 91.

¹⁵ Cf. WORMS, Frédéric [2008] “Le concept du vivant comme philosophie première: de Canguilhem à aujourd’hui”.

¹⁶ Mesmo um de seus críticos mais ferrenhos, como Jürgen Habermas, reconheceu essa importância atribuída à obra de Michel Foucault, num texto publicado pouco depois que este último veio a falecer: HABERMAS, Jürgen [1986].

uma história crítica do pensamento é comum a todos os autores da tradição epistemológica francesa, de Auguste Comte a Foucault, passando por Bachelard, Cavailles, Koyré e Canguilhem¹⁷.

A diferença principal entre as reconstituições de Badiou e de Worms, de um lado, e a de Foucault, de outro, é sobretudo esta: enquanto uma pretende fazer aparecer uma predominância do *momento* sobre cada pensamento ou obra – sejam estes momentos heterogêneos, como no caso de Worms, ou coerentes a um universal filosófico, “destinado a instruir a humanidade inteira”¹⁸ (juízo de universalidade), como no caso de Badiou –, a outra apresenta a filosofia francesa contemporânea como o sucedâneo de um projeto tipicamente moderno, que faz rivalizar dois de seus aspectos que já estavam expressos filosoficamente desde a obra de Kant: um *acontecimento moderno*, portanto, aquele que teria aberto o questionamento crítico sobre o que somos nós mesmos. Desse modo, se Badiou terminará por retroagir a Descartes, e Foucault a Kant, não são apenas dois autores ou duas filosofias que estão sendo invocados, mas dois problemas diferentes. O problema do *sujeito* (e de sua universalidade), de um lado; e, de outro, o problema da *modernidade* (e de sua extemporaneidade). Badiou quer ser um filósofo no sentido universal do termo, e sua filosofia – que restitui o platonismo através da teoria dos conjuntos pós-cantoriana – baseia-se, de fato, numa ontologia formalizada matematicamente.

Quanto a Foucault, trata-se antes de fazer aparecer uma dimensão crítica do questionamento das condições de possibilidade da própria racionalidade ocidental, o que terá implicações ético-políticas diferentes daquelas propostas por Badiou. A chave para a compreensão de tais consequências poderia ser encontrada na obra e na vida daquele que primeiro formulou essa cisão no pensamento contemporâneo, como vimos, o filósofo-matemático Jean Cavailles. Enquanto sua obra é a que mais longe levou, dentre seus contemporâneos, o exame pelas condições de possibilidade da racionalidade no seu nível puro (a saber, a fundamentação das matemáticas), as ações concretas que empreendeu em vida diante do combate contra as condições políticas de seu tempo foram (aos olhos de Canguilhem e de Foucault) a consequência lógica da filosofia do conceito que ele tentava formular. É essa *atitude*, essa *coragem*, esse *gesto* filosófico que Foucault parece ter buscado conceituar no momento em que se preparava para morrer que o aproxima do gesto e da atitude que Cavailles também teve diante das adversidades que enfrentou no limite de sua vida. E Canguilhem parece ter sido aquele que melhor compreendeu, na então recém-publicada obra de Foucault *Les mots et les choses* de 1966, em que sentido ela realizava o programa que Cavailles parecia ter anunciado em 1942 enquanto resistia ao fascismo.

Referências

BACHELARD, Gaston “L’œuvre de Jean Cavailles”. IN: _____. *L’engagement rationaliste*. Paris: PUF, 1972.

BADIOU, Alain. *A aventura da filosofia francesa no século XX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

¹⁷ Neste breve artigo, deixamos de analisar a trajetória ou as “fases” da obra de Foucault, que poderia oferecer outras possibilidades de análise, sobretudo se fossem observados seus textos iniciais proto-arqueológicos (os de 1954, como *Doença mental e personalidade*, ou a “Introdução a Bisnwanger”), ou mesmo a primeira edição de *História da loucura*, em que o autor ainda parece próximo da fenomenologia, e não da assim chamada “filosofia do conceito”. Ocorre, contudo, que o próprio Jean Cavailles percorreu esse caminho, tendo primeiro se confrontado com a obra de Husserl, que parecia lhe fornecer um aporte melhor do que o dos “logicistas” (Russell, Carnap, entre outros) para a resolução dos problemas concernentes à fundamentação das matemáticas. E, de maneira correlata à trajetória de Foucault, Cavailles acabou por romper com a fenomenologia, optando pela perspectiva histórico-epistemológica tal como exposta em seu texto póstumo ao qual nos referimos na introdução deste artigo.

¹⁸ *Ibid.*, p. 20.

- _____. *Deleuze: la clameur de l'Être*. Paris : Pluriel, 1997.
- _____. *Abrégé de métapolitique*. Paris : Seuil, 1998.
- _____. *L'être et l'événement*. Paris : Seuil, 1988.
- CANGUILHEM, Georges. *Œuvres Complètes, vol. V: histoire des sciences, épistémologie, commémorations (1966-1995)*. Paris : Vrin, 2018.
- CASSOU-NOGUÈS, Pierre. "L'excès de l'état par rapport à la situation dans *L'être et l'événement* de A. Badiou". IN: *Methodos: savoirs et textes*, 6 | 2006, p. 1-13.
- CAVAILLÈS, Jean. *Sur la logique et la théorie de la science*. 2a ed. Paris : Vrin, 2008.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Ed. 34, 1992.
- DERRIDA, Jacques. *Le problème de la genèse dans la philosophie de Husserl*. Paris : Seuil, 1990.
- FERRIÈRES, Gabrielle. *Jean Cavailles: un philosophe dans la guerre, 1903-1944*. Paris : Seuil, 1982.
- FOUCAULT, Michel. *Dits et écrits II*. 2ª ed. Paris : Gallimard, 2002.
- _____. *Les mots et les choses*. Paris : Gallimard, 1966.
- HABERMAS, J. « Une flèche dans le cœur du temps présent ». IN: *Critique*, n.471, p.794-799, ago/set 1986.
- LIMOGES, Camille. "Introduction: philosophie biologique, histoire des sciences et interventions philosophique. Georges Canguilhem 1940-1965". IN: CANGUILHEM, Georges. *Œuvres Complètes, vol. V: histoire des sciences, épistémologie, commémorations (1966-1995)*.
- GRANGER, Gilles-Gaston. "Cavaillès et Lautman, deux pionniers". IN: *Revue philosophique de la France et de l'étranger*, 2002/3, Tome 127, p. 293-301.
- HUSSERL, Edmund. *Logique formelle et logique transcendantale*. Paris : PUF, 2009.
- _____. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental*. Rio de Janeiro: Forense, 2012.
- ROUDINESCO, Elisabeth. *Philosophy in turbulent times*. Columbia: Columbia University Press, 2005.
- HØFFDING, Harald. *La philosophie de Bergson*. Paris: Alcan, 1905.
- SARTRE, Jean-Paul. "Jean-Paul Sartre répond". IN: *Revue L'Arc*, n° 30. Paris, 1966, p. 87-96.
- SINACEUR, Hourya Benis. *Cavaillès*. Paris: Les Belles Lettres, 2013.
- SEBESTIK, Jan. "Postface". IN: CAVAILLÈS, Jean. *Sur la logique et la théorie de la science*. Paris : Vrin, 2008.
- WORMS, Frédéric. *Moments: la philosophie en France au XX^e siècle*. Paris : Gallimard, 2009.
- _____. "La vie dans la philosophie du XX^e siècle en France". IN: *Philosophie*, n. 109. Paris: Minuit, 2011, p. 74-91.
- _____. "Sartre et Cavailles: nécessité et existence dans le moment philosophique de la Seconde guerre mondiale". IN: CASSOU-NOGUÈS, Pierre; GILLOT, Pascale (éds.) *Le concept, le sujet et la science: Cavailles, Canguilhem, Foucault*. Paris: Vrin, 2011, p. 59-74.

-
- _____. “Unexpected and vital controversies: Foucault’s *Les mots et les choses* in its philosophical moment and in ours”. IN: *History and Theory*, Theme Issue 54, December 2016, p. 82-92.
- _____. [2008] “Le concept du vivant comme philosophie première: de Canguilhem à aujourd’hui”. IN: FAGOT-LARGEAULT, Anne; DEBRU, Claude; MORANGE, Michel (dir.), HAN, Hee-Jin (éd.) *Philosophie et médecine: en hommage à Georges Canguilhem*. Paris: Vrin, 2008, p. 139-151.
-

Doutor em Filosofia (UFSCar)
Professor do Instituto Federal do Amazonas
E-mail: caiosouto@gmail.com